CENTENÁRIO DA AVENIDA PAULISTA REFLORESCER

HISTÓRIA DA AVENIDA PAULISTA

Até 1890 era apenas uma trilha de boiadas no alto do espigão. Em 1891 foi aberta e urbanizada pelo engenheiro Joaquim Eugênio de Lima. Hoje, ao comemorar o seu primeiro centenário, embora esteja longe de ser uma das vias mais antigas da cidade, transformou-se no símbolo de São Paulo. Em torno dela, nasceram novas ruas, novos bairros e instituições que já se confundem com a história da cidade e do Estado. Aristocrática desde o berço, a Avenida Paulista tem aqui contada sua história de pioneirismo, de beleza, de religiosidade e romantismo. Nela e junto com ela aparecem muitos e muitos nomes daqueles que construiram São Paulo.

O acadêmico e historiador Nuto Sant'Ana, no 5º volume de *São Paulo Histórico*, diz:"... Lá por 1890, quando se abriu a Avenida Paulista, todo o vasto espigão jazia inculto, com uns restos da exuberante mata do Caaguaçu, *nome original do espigão; em tupi, mata grande ou mato grosso* entre a Consolação e o Paraiso". E logo a seguir. "... nada existia na paragem senão ilhotas de vegetação, caminhos sinuosos; para um lado, as extensas várzeas de Santo Amaro e, para o outro, a paisagem montanhosa, vendo-se ao fundo, no primeiro plano do cenário, o casario multiforme da urbe do princípio-de-século, preparando-se para a explosão das suas forças em potencial..." E "foi crescendo, enquanto com ela crescia o bairro em derredor, povoando toda a imensa Avenida, que veio a ser, em certo tempo, a principal da metrópole e que é ainda, graças à sua situação privilegiada, uma das belas e aristocráticas da Capital Paulista...".

Em 1890, a futura Avenida Paulista, inicialmente concebida para ser Rua Real Grandeza, era apenas uma trilha aberta no alto do espigão. O presidente da Intendência Municipal de São Paulo em 1892, doutor Clementino de Souza e Castro, fez constar de seu Relatório dosTrabalhos Executados pelo órgão a ele subordinado: "A expensas e iniciativa dos cidadãos João Garcia, Eugênio de Lima e José Borges de Figueredo, proprietários da chácara Bela Cintra, foi rasgada uma grande avenida a partir do Largo Paraíso ao Pinheiros, numa extensão de cerca de 2.800 metros sobre 30 de largura, toda beneficiada a pedregulho, com largos passeios de cada banda e toda arborizada. É hoje um dos mais apreciáveis e concorridos passeios da Capital, muito principalmente depois dos bondes da Ferro Carril. O custo desta obra montou em algumas dezenas de contos".

Antonio Egídio Martins, ao referir-se ao lançamento da pedra fundamental das obras da primeira caixa de abastecimento de água para a cidade, no alto da Consolação, diz:"O portão de ferro que existe na entrada da antiga chácara, onde está a mesma caixa, tem o nº 159 e fica em frente à R. Piauí, sendo que os terrenos da mesma chácara confinavam com os que pertenceram a Joaquim Eugênio de Lima, que mandou, entre os anos de 1890 a 1894, abrir neles diversas ruas e a Avenida Paulista, havendo a Companhia ViaçãoPaulista, logo depois de concluídas as obras e arborização da mesma avenida, mandado construir nela a linha de bondes, que foi substituida, há poucos anos, pela que ora existe e pertence a The São Paulo Tramway Light & Power Company Limited, que inaugurou a sua linha nesta Capital, a 7 de maio de 1890".

Joaquim Eugênio de Lima, filho de Joaquim Manuel Pereira Lima e de d. Maria Polonia Moreyra Rios, nasceu em Montevidéu, Uruguai, a 6 de setembro de 1845. Diplomado em Agronomia na Alemanha, após viajar pela Europa e vários estados do Brasil, integra-se em São Paulo, é pioneiro urbanista (jornalista e filantropo), com fecunda existência, lega desenvolvimento e ilustre progênie.

Possuidor de grande área de terras na Liberdade, dividiu-a em lotes, abrindo ruas e facilitando a venda desses terrenos e pronta edificação. José Jacinto Ribeiro enaltece-lhe esta ação de proselitismo, logo completada pela Avenida Figueredo, na Moóca, hoje Rua Borges Figueredo.

Logo volta-se para o que será sua obra máxima. Antes da construção da Avenida Paulista havia no local uma trilha primitiva, denominada Real Grandeza, que era o percurso feito pelas boiadas em demanda do matadouro e pelos carros de boi.

Essa trilha começava, mais ou menos, na Rua da Consolação até encontrar a Rua Augusta e continuava, a serpear, pelo alto do espigão do Caaguaçú, descia pela ribanceira que vinha do Riacho do Anhangabaú, ia para a baixada do Rio Pinheiros, subia novamente pelo espigão, pelas alturas do ponto em que esteve instalado o Observatório Astronômico (lado direito do atual Museu de Arte) e continuava pelo espigão até a Rua Vergueiro.

No Largo do Rosário, 3A (hoje Praça Antonio Prado), sediou-se o, escritório de Eugênio de Lima, de compra e venda de terrenos na Capital. Os tres beneméritos cidadãos, por sua conta e risco, contrataram o agrimensor Tarquino Antonio Tarant, que executou o plano ideado. Aterrou o vale onde hoje passam os Tuneis 9 de Julho, executou todo o movimento de terras, arruou, pavimentou, arborizou e cercou todos os terrenos marginais da Avenida Paulista, tendo rasgado as alamedas transversais (traçadas por Bartolomeu Banchia). Às ruas abertas no lote que fica para o lado da cidade deram os nomes de Alamedas Amparo (hoje Campinas), Ribeirão Preto; e ao lote do lado oposto, do atual Jardim América, os nomes de Rio Claro, Casa Branca, Limeira (atual Peixoto Gomide), Jundiai (hoje Ministro Rocha Azevedo). Estas no sentido transversal à avenida, e no longitudinal a ela, Alameda Santos, Jaú, Itu, Tietê e Lorena.

Fora destinado um quarteirão para um parque, Parque da Avenida (hoje Siqueira Campos). Contrataram um francês, Paul Villon, célebre pela ação na Guanabara, e que se encarregou do ajardinamento do parque e construção de um Pavilhão em que foi instalado ótimo restaurante que a crónica aplaudiu por nada ficar a dever aos existentes nos parques das grandes cidades européias. Esse parque foi inaugurado em 3 de abril de 1892. A obra realizada fora concebida, planejada e executada com redobrados esforços e metas persistentes. Dinheiro, labores e aquisições inúmeras e não foi fácil abrir o boulevard onde era trilha mal traçada.

No ponto em que até pouco existia o Trianon, página de nossa história social, mostra de costumes e hábitos de várias décadas, necessitou-se fazer grande aterro, pois neste local o espigão era cortado pelo vale que vinha do Anhangabaú e pelo Córrego Saracura, e caminhava para as várzeas de Santo Amaro, seguindo este corte exatamente a direção dos atuais Túneis 9 de Julho.

Em 17 de maio de 1891, Eugênio de Lima recebeu a visita do governador Américo Brasiliense de Almeida Mello às obras da Avenida Paulista, com seu séquito composto pelo senador Rangel Pestana, pelo doutor Clementino de Souza Castro (presidente da Intendência) e ainda pelo dr. Júlio de Mesquita (Intendente e redator do jornal O Estado de S.Paulo), e outras pessoas de projeção. Após o término da inspeção foi servido na Chácara Bela Vista "um delicado lanche". Chega logo a iluminação e Teodoro Sampaio muito colaborou para que a rede de água e esgoto fosse estendida à nova via.

Tomando como ponto de partida o largo do Paraíso, a via do lado esquerdo era destinada aos bondes, a do centro às carruagens e a do lado direito aos cavaleiros. O leito de todas elas era recoberto de pedregulho branco em contraste com a arborização. A inauguração deu-se aos 8 de dezembro de 1891. Pensou-se em chamá-la Prado de São Paulo ou Avenida das Acácias, mas venceu a atual denominação: "Será Paulista, em homenagem aos Paulistas", asserção final do criador Joaquim Eugênio de Lima.

Atanásio Caravaggio obteve contrato para ser o guarda-matas da Avenida, tornando-se posteriormente funcionário da Prefeitura do Município.

No dia da inauguração, em lanche oferecido na residência do dr. Fernando Albuquerque, na rua de Santo Antônio, o velho Milliet, no discurso de saudação, depois de louvar a iniciativa de Eugênio de Lima e historiar a sua vida, terminou dizendo: Este homem merece, com a gratidão dos paulistas, uma estátua".

O homenageado retribuiu com festa magnífica na sede da Chácara Bela Cintra, situada nas proximidades da atual Rua Padre João Manuel, entre as atuais Alamedas Franca e Tietê, cujo portão se achava situado na Avenida Paulista, exatamente onde começa hoje a citada Rua Padre João Manuel.

Na esquina da nova via com a atual Avenida Brigadeiro Luís Antônio, uma bonita mesa de doces foi servida ao público; um quadro de Jules Martin, agora no Museu Paulista, retrata o episódio do dia da inauguração do mais arrojado feito urbanístico que até então havia sido realizado nestas plagas.

Surgiam uma via e novos bairros, e com eles novos modismos de uma cidade em transformação. Além da Capela de Santa Catarina, só havia mais uma pequena ermida, quase sempre fechada, apenas a abrir sua portas por ocasião das festas anuais do Divino Espírito Santo; e esporádicamente em alguns domingos para ser rezada missa. Eugênio de Lima contratou o padre Pascoal Gazineu para, daí em diante, todos os domingos, celebrar os ofícios religiosos. Donativos e oferendas, por ocasião dos festejos religiosos, pelos moradores das imediações (inclusos os da R. Augusta) permitiram o surgir da Igreja do Divino Espírito Santo, a marcar capítulo novo naqueles recantos, com o bulício de comemorações álacres,leilões e festejos, retratos de um tempo de singeleza e fé.

O Diário Popular, de 9 de dezembro de 1891 inseria em seu noticiário a inauguração de nova linha de bondes que, partindo da Rua Boa Vista, seguindo pela de São José, São João, Formosa, Santo Antônio (no Bexiga), Abolição, Santo Amaro, dirigia-se à

CMP 2.1.6.159

Avenida Paulista. Trajeto realizado em pouco mais de trinta minutos, apesar das longas e íngremes subidas do percurso. Com a linha perfeitamente assentada, os carros correram rapidamente e sem o menor acidente. Os convidados, diretores etc. tomaram lugar "num novo carro, semelhante, descontando o tamanho, aos de 1ª Classe da Estrada de Ferro do Norte". Na Avenida foi servido um bem preparado lanche aos convidados, e na volta o sempre bom anfitrião dr. Fernando de Albuquerque oferecia "na sua poética residência, à Rua de Santo Antônio, um delicado lunch aos cavalheiros que vinham no carro inaugural". Houve troca de brindes, a salientar os méritos e serviços da maioria dos presentes.

Parque da Avenida

O Parque da Avenida Paulista, em 1894, surgia com aspecto imprevisto e panorama deveras surpreendente. A avenida arborizada, incessantemente percorrida por cavaleiros, peões e carruagens, já oferecia diariamente um quadro animador. Esperava-se o surgir, num futuro próximo, de numerosos palacetes, num contexto aristocrático. O Estado de São Paulo, de domingo, 6 de maio de 1884 (traduzido do L'Echo du Brésil descrevia um pavilhão que recosta sobre a verdura o seu perfil", a aparecer no fundo do anfiteatro formado pela mata. Era o Parque do Coronel Figueiredo (sócio de Lima e Garcia), ocupado por M. Villon, criador de jardins no Rio de Janeiro, a dirigir agora obras de encantamento: "Sob a espessa folhagem dessas árvores seculares, sobre cujo tronco o cipó se enrosca, em uma temperatura igual, as crianças podem brincar à vontade, e este canto feérico tornou-se há muito o passeio predileto da elegante população paulista". Florestas de fetos em miniaturas, com largas folhas como finas rendas, aléas de palmeiras variadas, rosas multicores desabrochando nos tabuleiros, suaves e delicados perfumes. O Parque Villon, com belezas recém-introduzidas, excelente orquestra aos domingos, explêndida cozinha, vinhos escolhidos, preços razoáveis, afabilidades da gerente Mme. Evrard, eram "outros tantos atrativos para as pessoas inimigas do spleen".

Ainda soberba construção estilo árabe complementava o conforto. Num primeiro andar grande sala de banquete, para conter cem pessoas, quatro gabinetes reservados, seis aposentos, cômodo para administração, sala de banhos, duchas... No apartamento térreo, grande salão para recepções, gabinete de leitura, bilhar, cinco gabinetes reservados, salas de banhos etc..., atrações para "habitués", os mais exigentes. Outros dias, outros ademanes, um pouco de Paris transplantado para os trópicos...

No magnífico parque, ribeiros, quiosques, conchas, rochedos e cascatas, pavilhão de música, ponte rústica, camélias multicores a reproduzir jardins da Itália, orquídeas em estufas, usos e costumes dum tempo d'antanho de "savoir dire, savoir faire, savoir penser...".

É necessário recordar a colocação de numerosos bichos-preguiça, encanto da meninice d'outrora, feliz em localizá-los dentro da cerrada mata, em altos galhos, com dificuldade se deslocando.

Boiada na Paulista

Progresso, evolução, mas nem por isso o belo ponto da cidade deixa de ser motivo de críticas acerbas. Ainda em maio de 1894 o velho Estadão alerta para a continuada passagem de boiadas em direção ao matadouro, com grande prejuízo da arborização. Baldada a Lei nº 100 da municipalidade, baixada com o fim de proibí-lo, o abuso continuou. As árvores novas, cercadas de engradamento para que pudessem prosperar, com o continuado trânsito de bois, e por célebres corridas de pequenos veículos aos domingos, estavam fadadas à destruição. As pessoas que guiavam charretes ou cabriolés, no entusiasmo das disputas, disparavam os cavalos, os veículos entre as árvores, resultando ora em uma delas resvalarem, ora quebrar um engradamento.

O jornal volta à carga, por mais de uma vez: já seria necessário um serviço de bondes superior ao atual; o material rodante deixava a desejar quanto ao asseio. O percurso, sendo penoso, deveria ser feito com animais suficientes, para não expor o passageiro a um trajeto tão longo, que poderia ser efetuado em poucos minutos... Reclamava-se, conclamava-se, evoluía-se...

O Diário Popular, de 14 de junho de 1902, ao noticiar o transpasse de Joaquim Eugênio de Lima, expressava o reconhecimento da terra paulista, ao enfatizar as virtudes do varão que acrisolara São Paulo com melhoramentos e belezas sem conta: "inolvidável prestador de serviços a Piratininga, de que tão justamente se orgulham os paulistanos, aberta na outrora tão conhecida Chácara da Bela Cintra, de sua propriedade, e os bairros de Perdizes, Moóca, Tatuapé, Paraíso..."

É mister referir-se que, quando da morte de Carlos de Campos, presidente do Estado de São Paulo, em 1926, a Avenida Paulista tornou-se Avenida Carlos de Campos, por breve período, nome mudado após o cessar da Revolução de 1930, para Avenida Siqueira Campos. Este componente do Tenentismo teve seu nome logo mais restrito ao Parque, em frente ao Trianon.

Leonardo Arroyo, brilhante pena, enalteceu também as facetas de jornalista de Eugênio de Lima, sempre a terçar as armas por São Paulo e suas causas, máxime nos velhos jornais, por volta de 1873, com os nomes de Omnibus e a Cidade de S. Paulo.

Com sua distinta consorte Dona Margarida Joaquina Álvares de Toledo Lima, Joaquim Eugênio morou em autêntico solar paulista, no Largo de São Gonçalo (que desapareceu com a abertura da atual Praça João Mendes; São Gonçalo é o nome da igreja que lá continua até hoje), sendo a oficina de trabalho, como já referimos no Largo do Rosário. Veio residir na Avenida Paulista, filha dileta, até os seus últimos dias.

Vacas na Avenida

Tal como fora concebida e executada, permaneceu a Avenida Paulista até 1908, quando o prefeito Conselheiro Antonio Prado manda alargar os passeios e substituir por ligustruns a arborização. Reduziu de quatro para dois renques, e transformou o antigo calçamento em asfalto. Depois vem a administração de Barão Duprat, que faz edificar o Trianon com seus terraços, o Belvedere, suas pérgolas e seu amplo salão de festas. A ulterior e subseqüente gestão Washington Luiz inaugura o Trianon, harmoniza com este o parque fronteiro, erguendo a bela colunata, infelizmente mais tarde demolida, planta ipês entre os ligustruns e entrega a um paisagista inglês a remodelação do parque.

Como aves de arribação chegaram os novos moradores. Laura Oliveira Rodrigo Otávio, esposa de Rodrigo Otávio Filho, filha de Numa de Oliveira, escreveu *Elos de uma Corrente*, repositório de hábeis informes sobre São Paulo d'outrora, e principalmente dos primeiros tempos da Avenida Paulista, quase despovoada. Seu tio Horácio Sabino construiu nova residência na Alameda Santos, vindo da Vila Buarque: "não sei dizer o ano, mas lembro-me do meu avô Sabino nessa casa e ele morreu em 1902".

O ciclismo, novo esporte, como sempre aumentando adeptos que "iam com suas máquinas fazer exercícios na larga avenida, sem ninguem que os perturbasse. As moças usavam calças bombacha, cobertas por saia fendida apesar de usarem bicicletas especiais, e chapeuzinho canotier, em palha (chapeu bilontra); e a criançada ficava na calçada de espectador...".

Eram poucas as casas de moradia. Horácio Sabino, primeiro na Alameda Santos, "possuia casa de um só pavimento, tendo uma sala inteira como se fosse pátio,para onde abriam todos os cómodos e onde eram as brincadeiras", quando o tempo não deixava as crianças ficarem no jardim.

O terreno enorme permitia a permanência de uma vaca que propiciava "leite quentinho pela manhã". O jardineiro italiano tinha esposa sempre a fabricar pão em casa, forno no quintal. Horácio Sabino, avançado de idéias, foi precursor de venda de terrenos a prestações. Abriu ruas naquele bairro para o lado da várzea de Pinheiros e "aos domingos oferecia cerveja aos fregueses que vinham fazer negócios, com charanga para alegrar mais o ambiente, e assim se fez a Vila América, nome de sua mulher".

Em recordações saudosas, a autora de páginas utilíssimas para levantar modismos de uma época, toda simplicidade e fineza, encontramos doces evocares: "de manhã havia o leite fresco, passeio pela Avenida, visita ao Parque Paulista onde víamos a preguiça pendurada numa árvore".

Sabino, num terreno amplo, quarteirão inteiro, tinha plantado de antemão para que a futura casa, ao ser edificada, já tivesse o parque formado:"era lindo, frutas, horta, vaca". Avenida Paulista 46 (esquina da Rua Augusta), construída no auge do "art nouveau", risco de Victor Dubugras, arquiteto francês a marcar a arquitetura de alguns decênios. Laura esplendeu: "a avenida foi se povoando, belas residências foram construídas e meus tios ali permaneceram até o fim da vida, em 1950. Nesse jardim tão bem tratado foram plantados dois ciprestes. De repente se juntaram e formaram uma só árvore que tio Horácio dizia ser a imagem dele e da tia América; e realmente parecia. Acabaram a vida com intervalo de dias: "um não pôde viver sem o outro".

Simbolismo de uma era já perdida na distante curva do passado, expressão sociológica de uma família bem estruturada, união para a eternidade, floreira com amores perfeitos, semeeira a espoucar em farta messe...

O Instituto Pasteur

Moradias apontam nos espaços até então vazios. De forma subtânea, vão se albergar, na nova avenida, centros de medicina e saúde.

Aos 29 de novembro de 1903 a Diretoria do Instituto Pasteur adquiriu, pela quantia de 40 contos de reis, o prédio localizado na Avenida Paulista nº 224, "situado em lugar ameno e aprazível, com vastas acomodações". E ali a sede definitiva do Instituto, convenientemente adaptada, foi solenemente inaugurada, "com a presença dos dignos membros do governo, autoridades, grande número de cavalheiros e de distintas famílias de nossa sociedade", conforme consta do Relatório.

Em 1903 os drs. Inácio Wallace da Gama Cochrane, Azurem Furtado, Bettencourt Rodrigues, Ivo Bandi, Ulisses Paranhos, tomaram a decisão de fundar, na cidade de São Paulo, o Instituto Pasteur, cujos Estatutos foram aprovados no dia 1º outubro daquele ano. De iniciativa particular exclusivamente, o estabelecimento, produto de subscrição pública, logo foi considerado como "Instituição científica e humanitária "disposta a modelar-se, quanto possível, pelo tipo de outros institutos congêneres existentes no estrangeiro"e com os quais se esforçaria por estabelecer e manter as mais estreitas relações. Naturalmente, calçado no Instituto Pasteur, de Paris, as finalidades propostas não eram simples, e sim capazes de atender às necessidades sócio-sanitárias do burgo em franca expansão. Era corolário natural e conseqüente das proposições pioneiras da empresa para atuar em nosocômios e órgãos sanitários, a que não foram estranhos homens da estatura de Luiz Pereira Barreto, Carlos Botelho, Arnaldo Vieira de Carvalho e outros mais. Em 14 de novembro de 1888, tinha se inaugurado o Instituto Pasteur, em Paris, decorrência do gênio experimental do insigne descobridor dos tratamentos, preventivo e curativo, da raiva. Felix Le Dantec, filho dileto da grande escola, é destacado por Pasteur, e a convite do Governo do Estado de São Paulo veio para a criação de núcleo sanitário, com os encargos iniciais de fundar em Santos um laboratório de combate à febre amarela. Aqui estrutura o Instituto Bacteriológico com os objetivos de realizar trabalhos no domínio da microscopia e da bacteriologia em geral, em suas aplicações ao estudo de epidemias, endemias e epizootias que surgiram com gravidade ascendente em nosso meio. Cabia-lhe também o preparo e a remessa de vacinas destinadas à defesa e tratamento de diferentes enfermidades. Le Dantec foi seu diretor durante o primeiro ano de atividades.

Com rápida e fugaz passagem, mas suficiente para orientar o Instituto e indicá-lo à confiança do governo paulista, foi a presença do dr. Adolfo Lutz, sucessor emérito de Le Dantec.

No recém-criado Instituto Pasteur, de São Paulo, integravam a diretoria os doutores Inácio Cochrane, Matias Valadão, Alberto Seabra, Alberto de Menezes Borba e o desembargador José Maria do Vale. Assinaram os estatutos, em outubro de 1903, além desses membros fundadores, mais os seguintes: doutores Bettencourt Rodrigues, Arnaldo Vieira de Carvalho, Paulo

Bourroul, Azurem Furtado, Roberto Hottinger, Ulisses Paranhos, Ivo Bandi, Pedro Baptista de Andrade e os senhores Francisco Matarazzo, Guilherme de Andrade Vilares e Clemente Vuono Netto.

Os Hospitais da Paulista

Em torno da velha Capela de Santa Catarina, nasceu o hospital do mesmo nome. Lá pontificou Walter Seng, de origem austríaca, mas que se enraizando na Paulicéia aqui construiu família, casando-se com a filha do grande jornalista José Maria Lisboa. Rubião Meira enalteceu-o em *Médicos de Outrora* como trabalhador incessante, muito inteligente e muito culto, grande cirurgião e que conhecia sua arte como poucos. Foi durante toda sua existência chefe clínico da Casa de Saúde Santa Catarina onde ainda hoje, à porta, sua herma patenteia o grande apreço dos discípulos e continuadores, entre os quais, Benedito Montenegro, Décio Pacheco Pedroso, Fábio Schmidt Goffi, e tantos mais.

O ano de 1911 assiste a ereção de modelar estabelecimento de medicina e cirurgia, o Instituto Paulista.

Antonio Cândido Camargo e Luís Felipe Baeta Neves, somando sonhos e esforços, são os lidadores de obra perfeita para o tempo. Em sistema pavilhonar abrigam-se centros cirúrgicos, sob influxo dos novos conceitos de assepsia de França, casa de saúde para moléstias nervosas e mentais, núcleos de ortopedia, fisioterapia, gabinete radiológico, todos os ademanes de então para a melhor assistência médico-hospitalar. A eles se agregam Enjolras Vampré, Nicolau Moraes Barros pai, Rezende Puech, Luís do Rego, seguidos por Paulino Watt Longo, Domingos Define, Orlando Pinto Souza, Sérgio Paiva Meira, Antonio e Alfredo Bahia, Floriano de Alencar, imensa corte de facultativos pelas gerações e decênios.

O Bloco nosocomial levantou-se de um alqueire de terra, parte da antiga chácara da Bela Vista, a congregar muito da mata do Caaguaçu, com espécimes raros de flora, árvores seculares. A tradição oral aponta-nos que ilustre figura do patriciado paulista, alienado nos últimos anos de existência, retirara-se para essa gleba, em pequena casa de conforto relativo, mais tarde morgue do Instituto Paulista, a receber os prolongamentos de vidas ceifadas pela insídia desta ou daquela moléstia. Baeta Neves e Antonio Camargo, esculápios conhecedores da chácara-albergue, adquirem-na para soerguer o hospital que por quase 70 anos assistiu ao evolver da sociedade paulistana. A área compreendia chãos limitados hoje pelas ruas Antonio Carlos, Peixoto Gomide e Avenida Paulista, com entrada pela alameda Rocha Azevedo .

Em 18 de agosto de 1894, fato singular acontecido com o dr. Bráulio Gomes, em visitação diária aos clientes, acarreta a gênese da Maternidade de São Paulo. A deambular pelas ruas da velha urbe, ainda pacata e provinciana, Bráulio Gomes divisa na calçada, estirado, um vulto feminino. Ao aproximar-se identifica a mulher grávida, de extrema pobreza, a necessitar urgentes socorros. Cobre-a com a capa e leva-a para a sua morada, oficina de trabalho médico, onde lhe propicia conforto e assistência moral. Como afirmou Eduardo Martins Passos essa morte tornou-se memorável pelo alto sentido social decorrente, pois Bráulio convidou amigos e com eles vai criar e edificar a primeira casa de assistência e proteção a mãe pobre. Oito dias depois, em 26 de agosto de 1894, São Paulo ganhava uma casa de caridade, obra de Bráulio, Rodrigues dos Santos, Cesário Mota, José Alves Guimarães e das senhoras Ana Maria de Moraes Burchard, Irene de Avelar Brandão Penteado, Francisca de Campos, Adelina Mota, Maria da Glória de Araújo Guimarães, Zerbina Libero, Claudina de Paiva Macedo.

Em fevereiro de 1897, a baronesa de Limeira doa à Maternidade uma casa situada na Ladeira Santa Ifigênia nº 25, para onde se transferem as suas instalações a 8 de dezembro do mesmo ano, lugar onde se iniciou de fato a assistência à mãe pobre de São Paulo.

Em 1903 é feita a compra de um terreno em ponto distante do centro, na Rua Frei Caneca, próximo a Avenida Paulista, com magnífica área que hoje ostenta orgulhosamente esse monumento ímpar de filantropia e benemerência que é a Maternidade de São Paulo. Inicia-se em 12 de março de 1904 a construção da primeira ala de um dos edifícios próprios da Maternidade à qual se seguiram outros com o decorrer dos anos. Longa trajetória com Sylvio Maia (1899 a 1933), Antonio Vieira Marcondes (1934 a 1948), na direção, com Raul Carlos Briquet, Nicolau Moraes Barros, Waldemar de Souza Rudge, Eduardo Martins Passos, legião de espíritos de escol, capítulos da História da Civilização de Piratininga.

Batalhas de flores

Não havia somente casas santas para amenizar a dor e vencer as doenças. A aristocrática via presenciou momentos de euforia. Jorge Americano escreveu que "como em Nice tivemos batalhas de flores". Descreve aquela do distante 1909 com landôs, vitórias abertas, com automóveis de capota arreada. Os veículos eram entregues, para adornos, à Loja Flora, Hortulânia ou Lojas da China, do Japão ou Ceilão, nomes de exotismo orientais, já que se tornaram comuns passeatas comemorativas de datas ou eventos pátrios à luz das lanternas, e em noites festivas "marches aux flambeaux".

Por um prodígio de arquitetura, o veículo virava pagode chinês, todo de hortências. Outro figurava caramanchão de cravos vermelhos. Ou barco de velas de azaléas e casco de rosas. E um cisne de dálias brancas. Outros carros só apresentavam festões de folhagens e "bouquets" de flores de dois em dois em palmos. Mas, recorda Americano, o carro sem enfeites não era admitido entrar na Avenida Paulista: "apareciam caminhões adornados, quotizavam-se várias famílias, alugavam e enfeitavam o caminhão, armado em barraca com festões, folhagens e flores, enchia-se de moças e rapazes, e as indispensáveis mães ficavam amedrontadas no banco comprido central, com assentos de um lado e de outro. Dentro de cada carro, cestas de flores, acompanhadas de sorrisos e cumprimentos".

Aduz mestre Jorge Americano, em lembranças e saudades de *São Paulo Naquele Tempo:* "Era caro e não durou muito".

Entretanto deverá perdurar a certeza de que São Paulo já foi romanesca e muito ditosa...

Oh! Tempos, Oh! mores!

"O footing, o desfile de viaturas (tilburis, faetons, cabriolés, etc.) em domingos de sol, ou em tardes de verão e primavera, vão ser modificados com "o rodar sereno, suave, lento, majestoso, aristocrático, de "limousines", além de baratinhas maxixeiras, onde não raro se divisavam, sorridentes e amáveis, personalidades em relevo na política e até S.S. Exas. os senhores presidentes do Estado". Informe de Paulo Cursino de Moura que enfatiza "o encontro, ali, de sorrisos que se compreendem, na frase do poeta, na promessa ardente, tecido de leveza e de graça, na refulgência de um céu primaveril".

No carnaval, sucessor do entrudo, "nesse carnaval circunspecto dos paulistas, o corso zumbindo, ligeiramente, um ruído agoniado de ceticismo, procurando apenas evidenciar, aos olhos da plebe, acotovelando-se nas calçadas, o desperdício, no jogo de serpentinas policrômicas, na ostentação de esvaziar o bolso, com alarde do muito ouro, da nababesca riqueza".

A Avenida Paulista, agora, observa e registra o passar das gerações. No seu término, na perpetuidade do bronze, o monumento a Olavo Bilac, ressaibos da Campanha Nacionalista. Nas pérgolas do Parque, notáveis trabalhos: "Aretusa", "Nostalgia", "Pecador", "Ubirajara", obras de Leopoldo e Silva. Na instrução, ainda e sempre, o Grupo Escolar Rodrigues Alves, nas vizinhanças do Instituto Pasteur e dos palacetes dos construtores da incipiente indústria paulista: Crespi, Matarazzo, Gamba, Pugliesi, Carbone, Falchi, Bras Alario, Paraventi, Scurachio, Camasmie, detentores das aureólas do poder. Junto à Consolação até a Avenida Angélica a figura patriarcal de Pereira Inácio (português, fundador das Indústrias Votorantim), estruturador de raça de gigantes que vão atingir vértices nos anos vigentes. Já estão o fidalgo Colégio São Luís, transplantado de Itu, e na caridade e humanitarismo, o Instituto Paulista e o Sanatório Santa Catarina. Efêmera a nova nomenclatura, Avenida Carlos de Campos. Em 1930, logo após a quartelada outubrista, o 1º Concurso de Miss Mundo ganho pela gaucha Iolanda Pereira, encontra nota de verve e graça com o desfile de Miss Turquia, em Chevrolet, "com a capota abaixada", assentada em colchas de brocados e damascos, na verdade pilhéria dos estudantes de Direito. A odalisca era acadêmico travestido...

Entre o novo cemitério do Araçá e o seu precursor o da Consolação, estímulos e realizações da Marquesa de Santos, ainda se abria um vazio, apresentando hiatos sem solução, para as bandas de Sumaré e Pinheiros. A falha largamente será compensada, porém, com o aparecimento da Vila Cerqueira Cesar, loteada à mão direita de quem percorria o velho caminho do Sertão, no começo da vertente oposta, rumo ao vale do Pinheiros. Essa iniciativa se deveu ao capitalista José Oswald de Andrade, pai do escritor Oswald de Andrade que, para tanto, adquiriu e se utilizou das terras da chácara Água Branca dos Pinheiros e do Sítio Verde. Na área que tão diligentemente urbanizou, se situam hoje os primeiros quarteirões da Rua Teodoro Sampaio e Cardeal Arcoverde . Em bela chácara vizinha a ambas, no declive desses quarteirões, morou e passou a infância e juventude o insigne mestre Edmundo Vasconcelos, cirurgião excelso e orgulho da Casa de Arnaldo e tradutor de Paul Valéry.

CANÇÃO DA AVENIDA PAULISTA

A canção da Avenida
frágil timbre de sinos
traz o doce fascínio
da azaléia florida

Melodia perdida,
a canção do meu hino
e entre as mãos do destino
embalou minha vida.

Vim seguindo o refrão,
caminhei pela crista.
E a canção floresceu,
na explosão que nasceu
no espigão bandeirante
da Avenida Paulista.

Letra: Geraldo C. Vidigal
Música: Mário Albanese

A Igreja do Divino Espírito Santo

Desde os primeiros balbuciares do novo conglomerado urbano, a ermida, depois Igreja do Espírito Santo ou Igrejinha da Bela Vista, somou a freqüência dos novos moradores. Cursino de Moura relembrou-a, rua longa e torta, a começar em bairros de casas mal alinhadas para terminar, entre alas de esplêndidos palacetes, na suntuosa Avenida Paulista. No trajeto descansava em plácido ancoradouro, onde a ermida , suave e plangente, da Bela Vista, num promontório de graça e de sedução , domina a planície de Saracura Grande.

Leonardo Arroyo em Igrejas de São Paulo, conta-nos a história da igreja: José Paim Pamplona, açoriano residente no Rio de Janeiro, era casado e possuía duas filhas, uma das quais, Maria Isabel, casou-se com Mariano Antônio Vieira, também português, proprietário de muitas terras loteadas para vender aos patrícios, no local que denominou Bela Cintra, por lembrar-lhe a famosa Cintra dos arredores de Lisboa. A mulher de José Paim Pamplona ficou doente, tal seria a dura vida que levava na ajuda ao marido para a defesa do pão de cada dia. E por essa razão teve de voltar à ilha de São Miguel, nos Açores, em busca de saúde. Levou os filhos consigo e deixou o marido no Rio, onde grassava terrivelmente a febre amarela. Com o coração em sobressalto partiu para a terra, fazendo promessas ao Divino Espírito Santo

para que resguardasse o esposo dos perigos que o cercavam. Essa promessa consistiu numa novena tão logo regressasse para o Brasil; um ano depois, com os meninos e com a saúde recuperada. Encon-trou o marido são e salvo a braços com a exploração da pedreira da Gamboa. Em 1880 mudou-se para São Paulo José Paim Pamplona, trazendo família e residindo na Bela Cintra numa casa própria quase fronteria à Rua São Miguel. Ao aqui chegar morou inicialmente na casa do genro Mariano Antônio Vieira, pois a sua moradia ainda estava a construir-se. Aí, na casa de Mariano é que começaram as novenas pagadoras da promessa. Dessa novena nasceu a igreja e, no ano seguinte, em1881, constituía-se a Irmandade do Divino Espírito Santo, cujos exercícios religiosos transcorreram na sala particular provisoriamente transformada em capela de Mariano Antônio Vieira.

A freqüência em incremento fez surgir a idéia de uma capela de madeira no frontispício. Ficava entre a hoje rua Pamplona e a Alameda Rio Claro, no então chamado Monte Alegre, um verdadeiro patamar, a dominar a vista da cidade. Anos depois, ainda na narrativa de Arroyo, por efeito de doação de um terreno próprio, por iniciativa de Mariano Antonio Vieira e sua mulher, a capela tomou mais importância com a instituição de seu patrimonio. No dia 26 de agosto, o cônego Eugênio Dias Leite, vigário da Consolação, celebrou ali a primeira missa, que foi bastante concorrida, seguindo-se festejos em louvor ao Divino Espírito Santo.

Em 1903 foi feita a segunda construção do templo: ocupava então a superficie de quatro metros de frente por seis de fundo com seis degraus de entrada, dois sinos e uma frontaria de chalé. Um desses sinos ainda bimbalha na torre da igreja do Divino Espírito Santo. Em 1908 começou a vida legal da paróquia, sendo o seu primeiro vigário padre Adoniro Krauss, que melhorou a capela existente, pondo-lhe arcadas laterais, construindo a capela-mor e sacristia. Exatamente a mesma igreja que lá se encontra hoje, na rua Frei Caneca, perto da Maternidade de SãoPaulo. Em 1931 foi nomeado vigário Monsenhor Paulo Florêncio da Silveira Camargo, historiador de largos conhecimentos, autor da monumental *A Igreja na História de São Paulo*, em 7 volumes. Natural de Santana de Parnaíba escreveu a história do seu pequeno burgo, mas tornou-se figura invulgar e característica do bairro, ainda nos anos 60, até o seu desaparecimento.

O Observatório da Avenida

Bento Sanches d'Orta, astrônomo, matemático, químico, examinador de ribeiros e fontes, andou por São Paulo, a soldo do Rei, e sob ordens de Bernardo Jose de Maria Lorena e Silveira, 5º Conde de Sarzedas, governador e capitão-general de São Paulo, durante nove anos. Indicado pelo Vice-Rei, Sanches d'Orta chegou a Piratininga nos dias de Lorena e, em 31 de julho de 1789, daqui saiam suas primeiras "observações astronômicas", em relatos a Portugal, e realizadas com "o óculo de observação" do Conde de Sarzedas. Aos 30 de julho de 1790, quase um ano depois, chega a São Paulo o primeiro telescópio. Vinha de Londres, mas em péssimo estado a ponto de merecer más referências de Sanches d'Orta e de Francisco de Oliveira Barbosa, ambos matemáticos, membros da Expedição que deveria explorar o Rio Igurei: "Achavam que o óculo de observação de satélites, vindo de Londres, presentemente tinha uma ramificação no centro ao ajustado da observação, de sorte que se não houver outro, hão de servir-se de um pequeno que era de posse de Bernardo de Lorena". É do labor de Sanches d'Orta o relatório pleno de observações astronômicas com o propósito de facilitar a entrada de navios na barra de Santos. Faleceu ele em 21 de dezembro do 1794. No século passado, em seu último decênio, ainda existia um "aparelhamento para observações de astronomia", na propriedade de Couto Magalhães, junto ao Rio Tietê, na ponte velha, chácara do brigadeiro, mais tarde sede da Atlética São Paulo de Regatas. A morada da Ponte Grande era velho sobradão "com um canto em forma de torre quadrangular, coberto da abóboda movediça de aço, que conteve, há 50 anos, o famoso observatório astronômico, doado tempos depois à Escola Politécnica". Aureliano Leite, em sua biografia do último presidente da Provincia de São Paulo (o general de brigada Couto de Magalhães), quando da queda do império, também refere que "o fato de correr justamente por sobre este recanto da Paulicéia o Trópico de Capricórnio teria sugerido ao espírito investigador do brigadeiro a montagem dos seus telescópios à orla do Tietê".

Também exaltou o posto de observações Horácio de Carvalho, jornalista mineiro radicado em São Paulo, no seu *Bouquet de Cousas*, sob a epígrafe: "O Solitário da Ponte Grande".

Os primeiros trabalhos oficiais sobre a Meteorologia Paulista foram realizados em 1887, na antiga Comissão Geográfica e Geológica, por Albert Löfgren, botânico, sob a direção do ilustre Orville Derby, geólogo. Criou-se, depois a secção de Botânica e Meteorologia, chefiada por Löfgren; mais tarde, os estudos passaram a cargo de F.J. Schneider, no denominado Escritório Metereológico da Comissão Geográfica.

Em 1902 os quadros reorganizados levam ao Serviço de Meteorologia, sendo José Nunes Belfort Matos convidado por Cândido Rodrigues, secretário da Agricultura, para chefiar o novo serviço, o que fará até o ano de 1926. A sede do Serviço, com sua parte administrativa, ficava no Pátio do Colégio a dois passos do antigo Palácio do Governo. Além de uma considerável rede espalhada por todo o Interior do Estado, havia um observatório instalado na Praça da República, na antiga Escola Normal, depois Instituto Caetano de Campos. Mas o principal centro de observações era própria residência de Belfort de Matos, desde 1902, ao montar em sua casa na Avenida Paulista um observatório meteorológico.

Fábio Belfort, autor de A Vida de um Cientista Brasileiro (Belfort de Matos), relembrou a velha Avenida que conheceu a partir de 1907:"Era uma reta traçada no meio de uma zona quase deserta, calçada a macadame e ainda não possuía passeio de cimento. Ensombravam-na grandes e belas árvores, dispostas em quatro linhas, duas a duas, formando de cada lado dois renques, interrompidos apenas nas esquinas. As casas eram raras e muito espaçadas. De uma banda e de outra desciam terrenos cobertos de vegetação, indo ter, de um lado, ao grotão que hoje se chama Avenida 9 de Julho; de outro, se prolongando até o Jardim América, uma zona alagadiça, idêntica às que hoje ainda podemos ver em São Paulo, nas margens do Tietê. Um ou outro lampião de gás fornecia a iluminação. Era, afinal, uma "ponta de cidade", por onde cortavam caminho tropas de animais e onde mascates tatalavam suas matracas. Não havia automóveis, os bondes, muito pequenos, eram escassos, e o silêncio, quase absoluto; um tal lugar se prestava admiravelmente para um observatório meteorológico".

A casa de propriedade de Belfort Matos, construída em 1901, começou no ano seguinte a receber os primeiros aparelhos. Surgia o que passou a ser denominado de Observatório de Avenida, e que não deve ser confundido com o Observatório de São Paulo, mais tarde levantado em terreno adjacente ao primeiro, de propriedade do Governo do Estado.

Determinada a aquisição de um terreno contíguo ao da residência do cientista, no início de 1912, achava-se terminado e em grande parte aparelhado, sendo inaugurado em 30 de abril do mesmo ano, quando se estinguira o quatriênio do governo Albuquerque Lins. No ato inaugural, além do presidente Lins, presentes o secretário da Agricultura Pádua Sales, o vice-presidente Fernando Prestes de Albuquerque, e mais Washington Luís, Olavo Egídio de Souza Aranha e Altino Arantes.

O dr. Belfort e o Observatório da Avenida espelham momento de esplendor da velha trilha Real Grandeza transformada em via também de ciência e labor...

A Revolução de 24

Durante a Revolução de 1924, chefiada pelo General Isidoro Dias Lopes, as tropas revolucionárias abriram trincheiras na velha Avenida e, no início da Avenida Rebouças, paralelepípedos e sacos de areia. Metralhadoras guardavam a região, em iminência de assédio e ataque. Soldados sob o mando do tenente Cabanas, com certa simpatia dos populares, permitiam o difícil abastecimento feito nas Casas Montenegro, na Rua Augusta, empórios Latorre e Barateiro, da Rebouças e padaria do italiano Manzoni, afamado no tempo por doces e pães variados. A maior parte das família, ao contrário do que sucedera em outros bairros, permaneceu nas residências passando boa parte das horas nos porões das habitações, naqueles dias, costumeiros (por habitáveis), mesmo em moradas de conforto e gradação

Poucas as escaramuças guerreiras e as baixas dos combatentes. Entretanto, fato lamentável aconteceu na região: um sargento, antigo funcionário do Hospital do Isolamento, e que de lá fora despedido por irregular conduta, aproveita-se da revolta, invade o nosocômio, prende o administrador Perez e o fuzila sumáriamente; intensa comoção cercou o infeliz episódio. Após a luta armada o miliciano recebeu pena de prisão, após julgamento. Aureliano Leite também conhecia o evento e o processo, narrando-o em seu livro de evocações de contenda.

As trincheiras acima mencionadas foram abertas pelas tropas revolucionárias do general Isidoro desde o Paraíso até a vertente do Pacaembu, onde terminava (e termina ainda) a Avenida Paulista. Abrigados juntos ao largo Guanabara, no dia 5 de junho massacram os fuzileiros navais chegados de Santos para a retomada da cidade. Morticínio sangrento com baixas imensas nas tropas do governo. Logo depois, São Paulo é bombardeada por ordem do presidente Artur Bernardes.

Ainda em 1924, no fim da Avenida, junto à descida do Pacaembu, ao lado do monumento a Olavo Bilac (anos depois destruído por iconoclastas adversários da campanha cívica iniciada pelo poeta) é realizada, a 31 de dezembro, a primeira corrida de São Silvestre.

Minha Casa

Avenida Rebouças nº 6, encostada à avenida dos Paulistas, e com raízes no antigo Caminho do Pinheiros, sobradão vetusto e firme, bem alicerçado a vingar pelo eterno, ninho e celeiro, célula primaz e fronde copada, morada de meus avós maternos, edificado em 1897, onde nasceu minha mãe, e durante 34 anos, abrigou-nos a todos nós (herdeiros de Vitória e Bartolomeu C. Crispim) ramos de rijo tronco, despertando-nos para a vida em manhãs fagueiras. Sabedoria, cristianismo autêntico. Do alto do último andar, verdadeira Torre do Tombo familiar, o autor destas notas sentiu os primeiros queixumes de todas as dores que acrisolam a alma humana e o esplendor de dias felizes de um clã alicerçado pelo labor e estudo, em comunhão de Amor e Respeito, certezas de eternidade no presente... ao tombar para sempre pelo martelo do falso progresso a suscitar antecipadamente jubilosas lembranças, abria caminho para o culto, perenidade de uma via, avenida Paulista, que há de perdurar enquanto viver o sonho e a saudade...

***Duílio Crispin Farina**, médico, memorialista e historiador, é membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O texto acima foi reproduzido, com pequenas supressões não diretamente atinentes ao tema, do estudo **Caminhos de Pinheiros ou do Sertão**, publicado no volume 82 (1987) da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Endereço do autor para correspondência:*

Av. Europa, 592 - 01449 - São Paulo - SP

Colaboração:

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO